

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

BEATRIZ BARBOSA NUNES

**MATERNIDADE E JUVENTUDE: UMA REFLEXÃO ANTROPOLÓGICA
SOBRE O TEMA COM UMA INTERLOCUTORA CAMPO GRANDENSE**

**CAMPO GRANDE
2024**

BEATRIZ BARBOSA NUNES

**MATERNIDADE E JUVENTUDE: UMA REFLEXÃO ANTROPOLÓGICA
SOBRE O TEMA COM UMA INTERLOCUTORA CAMPO GRANDENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como exigência do curso de graduação em Ciências Sociais (Bacharelado) à banca examinadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob orientação da Prof.Dra. Maria Raquel da Cruz Duran.

CAMPO GRANDE

2024

AGRADECIMENTOS

Registro aqui o meu agradecimento a todas as mães que pude conhecer durante o desenvolvimento da minha personalidade, em especial a minha, mãe de três mulheres, que mesmo tendo uma vida dura, tendo que sair de casa com 15 anos e trabalhar para se sustentar, com todas as dificuldades da vida se fez presente e amiga, da sua maneira. Obrigada por nunca desistir, eu te amo.

À minha amiga Juliana, que foi mãe aos seus 19 anos, sozinha, que mesmo enfrentando diversas batalhas emocionais e apesar das dificuldades também nunca desistiu. À minha irmã, Camilla, mãe da Pietra, minha primeira sobrinha e minha felicidade diária, obrigada por apoiar desde o início a ideia desse trabalho e contribuir para que ele fosse escrito, eu te amo e me orgulho de você. À minha sogra, Terezinha, mãe de três, que criou e educou sozinha enquanto tinha que trabalhar e por isso renunciou a muita coisa, inclusive sua infância. À minha avó, Vanilda, mãe de cinco, que para que seus filhos pudessem trabalhar, ajudou a criar todas as suas 7 netas- na época- inclusive eu, costumávamos brincar que era a casa das 8 mulheres (contando com a minha avó). À Raquel, mãe de dois, que me orientou na escrita desse trabalho com a Clarinha no ventre e mesmo com a correria do dia a dia, sempre esteve disponível para me auxiliar quando precisei. À Kelly, mãe de duas, -sendo uma delas minha melhor amiga, Clara- foi mãe na adolescência e vive uma maternidade atípica e passou por obstáculos e ainda assim se fez forte, também me abraçou como filha, eu tenho orgulho e carinho por você. Sou grata a cada uma dessas mulheres que me inspiram e tantas outras como minha madrinha Adriana, minha tia Eva, minha tia Jessica e minha madrinha de coração, Juceli.

Um agradecimento em especial a minha esposa, Isabella, que sempre esteve comigo e me deu estruturas para continuar, você é luz na minha vida, minha maior rede de apoio, eu te amo muito. Aos meus amigos, Clara, Adri, Bianca, Diogo, Carol (minha irmã caçula), eu amo vocês e vocês foram importantes nessa caminhada, obrigada por deixarem a vida mais leve e divertida, tenho orgulho das pessoas que estão se tornando.

Não menos importante, um agradecimento ao meu pai, Ivan, que me ensinou a ver a vida de uma maneira mais sutil, obrigada por me ensinar a controlar meus sentimentos, me acolher e me apoiar, independente de me

entender ou não. E ao meu irmão Miguel, que chegou em uma fase difícil da vida, mas trouxe alegria.

RESUMO

A ideia de pesquisa propõe uma reflexão sobre a maternidade e a juventude. Como lidar com a maternidade quando se é jovem? E como lidar com a juventude quando se torna mãe? A partir da etnografia e da antropologia interpretativa (GEERTZ, 2008) será realizado um estudo de caso com uma familiar, interlocutora e jovem campo-grandense observando de forma densa qual o efeito desse encontro de maternidade e juventude ao mesmo tempo, levando em conta a realidade de uma maternidade solo. A pesquisa teve ensejo a partir de uma inquietação ao refletir sobre os comportamentos e interpretações culturais dentro da minha própria família, quando minha irmã se torna mãe aos 19 anos. A partir dessa primeira justificativa de pesquisa, muito específica, surgiu uma motivação mais geral de entender melhor a sociedade em que vivemos, sob a ótica da cultura na qual estamos inseridos, dentro desta problemática da maternidade na juventude. Como objetivos, busco averiguar a existência ou não de preconceitos e discriminações sofridos pela interlocutora, por ser uma mãe jovem e descrever os principais desafios da maternidade na vida de uma mãe jovem, a partir da etnografia - metodologia por excelência antropológica.

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade; Antropologia; Juventude; Gênero.

ABSTRACT

The research aims to propose a reflection about maternity and youth. How do you deal with maternity when you are young? And how to deal with being young when you become a mother? From ethnography and interpretative anthropology (GEERTZ, 2008) a case study will be carried out with a young campo-grandense relative, an interlocutor, watching in a dense form what is the effect of maternity and youth at the same time, taking into consideration the reality of a solo maternity. The research began with a concern when reflecting on the behaviors and cultural interpretations within my own family, when my sister became a mother at the age of 19. From this first and very specific justification for the research, came a more general motivation to better understand the society in which we live, from the perspective of the culture in which we are placed, within this problem of motherhood in youth. As objectives, I seek to find out whether or not the interlocutor suffers from prejudice and discrimination because she is a young mother, and to describe the main challenges of motherhood in the life of a young mother, using ethnography - an anthropological methodology par excellence

KEY WORDS: Maternity; Anthropology; Youth; Gender.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 08 |
| 1 INTERSECCIONANDO MATERNIDADE, JUVENTUDE E GÊNERO | 10 |
| 1. Breve reflexão antropológica acerca da maternidade e juventude | 10 |
| 1.2 Maternidade e feminismo decolonial | 14 |
| 1.3 Viver a monoparentalidade dentro da maternidade | 15 |
| 2 UM POUCO DE CAMILLA | 19 |
| 2.1 Perfil da interlocutora segundo o meu envolvimento e percepção | 19 |
| 2.2 Conversa acerca da maternidade: Interseccionando o ponto de vista da interlocutora com a antropologia interpretativa. | 27 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 33 |
| REFERÊNCIAS | 34 |

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema da pesquisa surgiu a partir de uma vivência pessoal: uma parente próxima, minha irmã, mulher, cisgênera, parda, se tornou mãe aos 19 anos. Naquele momento, comecei a refletir sobre diversas questões acerca da maternidade, da juventude e da relação entre ambas. Justamente pensando neste contexto, decidi realizar uma pesquisa sobre maternidade e juventude, no campo das Ciências Sociais, em especial da antropologia. Isto porque pretendo descrever o meu envolvimento com a pesquisa, com a interlocutora dela, minha irmã, com a afetação (FAVRET-SAADA, 2005) que isso gerou (tanto a pesquisa em minha vida e no meu estranhamento do que é familiar, quanto a chegada da minha sobrinha na família, principalmente na vida da minha interlocutora) a partir de uma observação participante, da etnografia, e da antropologia interpretativa, ou seja, utilizando-me da descrição densa.

A etnografia, interpretada por Clifford Geertz (2008), enfrenta uma multiplicidade de estruturas “[...] que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma aprender e depois apresentar” (GEERTZ, 2008, p. 20). Sendo necessário procurar entender o significado do que está sendo transmitido, objetivando o alargamento do universo do discurso humano, por isso:

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual elas podem ser descritas de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 2008, p.24).

O intuito é tentar interpretar o significado da maternidade para uma mãe jovem e, com isso, responder a duas questões principais de pesquisa: como lidar com a maternidade quando se é jovem? E como lidar com a juventude quando se torna mãe? Embora eu saiba que não é possível destacar dois itens dentro de um contexto para analisá-los, em antropologia (SAÉZ, 2013), a ideia aqui é observá-los mais atentamente, percebendo sua interação com outros temas frequentes neste debate, como desigualdade de gênero, trabalho e maternidade, família, saúde da mulher, aborto, maternidade solo, entre outros.

Por isso, nesse trabalho busco interpretar os sistemas entrelaçados da maternidade na juventude e da juventude na maternidade, atacando uma particularidade - vivência da interlocutora - para descrever com densidade um contexto, que esta amalgamado em nossa cultura.

Sendo assim, metodologicamente, o trabalho de campo e a entrevista estruturada proporcionaram uma descrição etnográfica interpretativa, em segundo e terceiro graus, ou seja, realizada: a) a partir da minha interpretação sobre a descrição que a minha irmã fez (de sua interpretação) sobre o tema; e b) a partir da minha interpretação sobre o tema. Além disso, o trabalho é composto por leituras bibliográficas dos campos da antropologia da maternidade, da terapia e da juventude.

A partir dessa ideia de interpretação, os capítulos a seguir tem a ideia de proporcionar reflexões acerca de alguns temas que podem estar interligados à maternidade e à juventude. No primeiro capítulo, busco contextualizar um pouco o termo maternidade e juventude, a partir de uma perspectiva antropológica, interseccionando alguns temas que considero relevante para a pesquisa.

Enquanto no segundo capítulo busco trazer um pouco de quem é a interlocutora e como são suas visões acerca da maternidade, para fazer relações sobre o que Camilla julga como principais pontos de enfrentamento na maternidade e como ela encarou essa junção de maternidade e juventude.

1. INTERSECCIONANDO MATERNIDADE, JUVENTUDE E GÊNERO.

1.1 Breve reflexão antropológica acerca da maternidade e juventude.

Para que seja possível compreendermos melhor a pergunta central de como lidar com a maternidade quando se é jovem e como lidar com a juventude quando se torna mãe, esse capítulo tem o intuito de mostrar a complexidade que surge entre esses dois termos, maternidade e juventude, visto que ambos não são conceitos vazios mas termos que carregam outros conceitos juntos. A maternidade não é “só” a maternidade, ela carrega uma história cheia de cultura, tal como a juventude não pode ser caracterizada somente por um número. Sendo assim, ambas serão pensadas a partir de um todo.

Não há como pensar em maternidade sem problematizar questões de gênero na nossa sociedade. Durante um tempo, gênero se referia ao comportamento sociocultural aprendido em determinada cultura/sociedade, tendo em vista o respectivo sexo. Por exemplo, a pessoa que nascia com o sexo feminino precisava desempenhar um comportamento concordante ao seu sexo, portanto, um gênero/temperamento feminino. Quem apresentasse um gênero divergente àquele respectivo ao sexo era considerado “desviante” (Scott, 1999). Porém, isso vem, mudando. Segundo Machado (2014),

Se há um consenso hoje nos estudos de gênero é que não há uma constância da definição do que é masculino, do que é feminino, do que é heterossexual e do que é homossexual. São construções sociais e culturais mutáveis, não determinadas pela fundação biológica ou pelo determinismo cultural.

Sendo assim, as identificações de gênero são identificações em processos que propõe diversidade cultural societária. Um exemplo desse processo, ocorre quando Mead ao pesquisar sexo e temperamento de três tribos, descreve que

Os Arapesh acreditam que a pintura em cores é adequada apenas aos homens, e os Mundugumor consideram a pesca tarefa essencialmente feminina. Mas inexiste totalmente qualquer ideia de que os traços temperamentais da ordem de dominação, coragem, agressividade, objetividade, maleabilidade estão indissolivelmente associadas a um sexo (enquanto oposto ao outro) (Mead, 2000, p.26).

Enquanto em outras culturas a pintura pode ser considerada feminina e a pesca masculina. Demonstrando que a ideia do que é feminino e do que é masculino está imposta culturalmente. Essas definições são passadas de

geração a geração, são processos que podem se alterar com o passar do tempo, da mesma maneira que se criam e se destroem modos de pensar, costumes etc. que não cabem mais no presente.

Sabemos que a mulher não tem controle sobre a reprodução, pois o aborto é crime no Brasil. Sabemos também que o discurso e ideologia de gênero essencializa o ser mulher e naturalizada a reprodução, como decorrente do sexo feminino: ser mulher é ser mãe, é desejar ser mãe. Assim como ser mulher é ser menos racional, ser frágil, ser cuidadora, dentre outros papéis de gênero que nos são agregados como naturais do nosso sexo. É por isso que:

As perspectivas de várias das autoras que participam nas discussões atuais sobre gênero, entre as quais é possível inserir a produção de Butler, embora diferenciadas, coincidem na radicalização dos esforços por eliminar qualquer naturalização na conceitualização de diferença sexual, pensando gênero de maneira "não identitária". Isto é, rejeitando os pressupostos universalistas presentes na distinção sexo/gênero, é concebido como fixando identidades, e de formular conceitualizações que permitem descrever as múltiplas configurações de poder existentes em contextos históricos e culturais específicos (Piscitelli, 2001, p.16).

Quando a gravidez ocorre de forma considerada precoce, a maternidade pode ser observada a partir de diversos fatores: saúde física e mental dos pais do bebê, pressão psicológica e sociocultural por parte da família, da sociedade, do parceiro, etc. Logo, observando a juventude, em conjunto com maternidade, ou o contrário, a maternidade, em relação à juventude, podem desencadear efeitos recíprocos específicos de todo um contexto cultural que engloba seja nossa percepção do que é a juventude, seja do que é a maternidade.

Cada vez mais compreendemos que "tornar-se mãe como uma forma de alcançar um ideal de felicidade, não é a realidade e nem o desejo de todas as mulheres" (Gomes, Port e Cerveira, 2022, p.12). Houve um tempo em que ser mulher era sinônimo de querer ser mãe, algo que já não ocorre de forma tão imediata, hodiernamente.

Nos dias atuais, a maternidade é vista de diferentes formas, isso porque a cultura, a classe social de uma pessoa, podem interferir muito na forma como uma mulher se vê e em seus desejos de tornar-se ou não mãe (Gomes, Port e Cerveira, 2022, p.9).

Ao colocar uma criança no mundo é parte do processo pensar se os pais possuem condições financeiras e psicológicas para cuidar dessa criança. Quando há a ausência desses fatores, dentre outros, a maternidade (ou a paternidade) pode passar a ser um desafio. Por exemplo, é vital ter tempo para

estar com a criança, para trabalhar e sustentá-la, para educá-la e levá-la a escola, apoiar emocionalmente, ser ativamente presente. Na ausência de tempo, é necessário um/a babá para o bebê, o que gera um gasto extra, ou algum familiar que possa ser uma rede de apoio para esses momentos. Além dos fatores individuais que impactam a decisão de ter ou não filhos, há também aqueles contextuais, como a mudança de uma sociedade majoritariamente rural para urbana:

Ao longo da pesquisa, se fala da diferença do pensamento da maternidade anos atrás, em que as famílias viviam da agricultura, pois a quantidade de filhos simbolizava mais produção e plantio. Neste período as crianças auxiliavam os pais nas lavouras, serviços domésticos e nos afazeres do campo em geral. Hoje, as famílias urbanas dependem unicamente do salário que recebem para sustentar a casa, deste modo, o número de filhos impacta diretamente na condição de criação de cada criança, ou seja, mais filhos significa que aquele valor recebido precisa ser dividido por um número maior de pessoas (Moreira e Nardi, 2009 apud Gomes, Port e Cerveira, 2022, p.9)

Observando a economia em um país como o Brasil, que seguiu essa alternância de país com maioria populacional na zona rural para a zona urbana, compreendemos o tamanho do desafio das famílias:

A renda média real domiciliar per capita da metade mais pobre da população brasileira é de R\$ 537 mensais, constatou o IBGE em 2022. Ou seja, cerca de 107,077 milhões de brasileiros sobreviveram com apenas R\$17,90 por dia. Se considerarmos os 5% mais desfavorecidos do país, encontramos 10,7 milhões de pessoas que tinham apenas R\$2,90 por dia para viver (R\$87 mensais por membro da família). Outro levantamento recente com dados do IBGE mostrou que 67,19% dos trabalhadores ocupados recebiam até R\$2.424 por mês, totalizando 65,565 milhões de pessoas. Ou seja, boa parte da população sobrevive com renda que não chega a dois salários-mínimos.¹

Diante disso, tornar-se mãe ou pai resulta, mas também rompe, uma situação complexa, em que o equilíbrio familiar pode ser abalado, do ponto de vista econômico - de como fazer para se sustentar - mas não somente. Uma criança demanda muitos cuidados, inclusive financeiramente: fraldas, alimentação, deslocamento, remédios, roupas, calçados, brinquedos, educação, saúde, etc., isso tudo sem contar gastos básicos como aluguel, água, luz, comida.

Levando em consideração as problemáticas de gênero,

as mulheres enfrentam um outro desafio no mercado de trabalho – quanto mais filhos elas têm, menor é o salário que elas ganham. (...) Números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, do IBGE, compilados pela consultoria IDados apontam que,

¹ Disponível em: <https://blog.toroinvestimentos.com.br/alta-renda/piramide-salarial-brasil/>.

enquanto mulheres sem filhos ganham em média R\$ 2.115 por mês, ter o primeiro filho reduz o salário em 24%. Se a família crescer e o número de crianças chegar a três ou mais, a queda no rendimento é de quase 40% (Brandão e Gavras, Estadão, 2008).²

Ao se tornar mãe jovem, a mulher tende a desencadear outros processos que a fazem descer nesta escala de valorização da sua mão de obra, porque, por exemplo, elas tendem a ter um nível de escolaridade baixa - já que muitas param de estudar para cuidar dos seus filhos -, e, como consequência, podem não conseguir entrar no mercado de trabalho para melhorar a condição financeira.

O conceito de juventude passou por várias correntes de pensamentos:

A juventude é um mito ou quase mito que os próprios media ajudam a difundir e as notícias que estes veiculam a propósito da cultura juvenil ou de aspectos fragmentados dessa cultura (manifestações, modas, delinquência, etc.) encontram-se afectadas pela forma como tal cultura é socialmente definida (Pais, 1990, p.6).

Logo, não se trata apenas da idade, é uma fase da vida a ser compreendida através de questões sociais, culturais, psíquicas, religiosas, midiáticas - como citamos acima -, etc., em que cada grupo reivindica para si a melhor expressão do que ela seja. "Na verdade, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações" (Pais, 1990, p.11).

Bittencourt e Pereira (2021) chama a atenção para o fato da juventude ser um fenômeno pouco estudado na antropologia brasileira, não porque há um desinteresse dos antropólogos em relação a juventude, mas porque há uma dificuldade em atentar para as questões das sociedades urbano-ocidentais. Entretanto, a partir das ocupações dos jovens na cena, seja de política, seja no trabalho, mídia, lazer, tem tido mais pesquisas com o intuito de entender quais são os espaços que eles têm ocupado, e quais são suas perspectivas e interesses.

Para Bourdieu (1983), a juventude não pode ser dissociada totalmente do critério etário, ainda que os outros fatores sejam pertinentes para sua compreensão. Pereira (2007, p.5) aponta que o gênero deveria ser um dos principais recursos de observação da juventude, visto que:

² BRANDÃO, Raquel; GAVRAS, Douglas. Estadão, 11 de Dezembro de 2018. No Brasil, mãe recebe até 40% menos. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/no-brasil-mae-recebe-ate-40-menos/>.

O tempo transcorreria de maneira diferente para a maioria das mulheres em relação à maioria dos homens (...) a questão da maternidade como um elemento relevante para a definição desta temporalidade diferenciada, pois ela não alteraria apenas o corpo, mas também o modo como elas desfrutariam e configurariam a sua juventude.

Por exemplo, as mulheres que querem ser mães geralmente precisam lidar com o tempo biológico de reprodução, em relação ao mundo do trabalho e da formação profissional, lidando com isso em uma luta contra o tempo, de certa forma. Por um lado, cada vez mais é preciso ter maior e mais qualificada formação, o que demanda anos e anos de estudo, por outro, a medicina informa um limite biológico para um gerir sem riscos, que é de 35 anos, em média. Neste contexto, a mulher precisa correr contra o tempo para se formar ou se afirmar profissionalmente dentro desse intervalo ideal, ou arriscar ter filhos mais velha, com riscos, algo que traz implicações. Assim, Piscitelli coloca que o corpo feminino é “o centro de onde emana e para onde convergem opressão sexual e desigualdade” (Piscitelli, 2001, p.4).

É neste ponto que ligamos gênero, geração e desigualdade, tema que debatemos no início deste item. Ser mulher já traz desafios em uma sociedade masculina; ser mãe - jovem ou não - acrescenta complexidade à questão, mas, ser mãe e jovem implica numa carga de opressão sexual e desigualdade ainda maior.

1.2 Maternidade e feminismo decolonial

Para analisarmos a maternidade junto ao conceito de gênero, classe e etnia racial é preciso compreender também os conceitos de desumanização das mulheres em contexto colonial (Almeida, 2022). Não há como pensar a maternidade sem repensar a violência da escravidão e sua opressão étnico-racial, uma vez que a maternidade às mulheres negras escravizadas era negada e seus filhos tirados delas e vendidos.

“Feministas do Ocidente certamente analisaram como se constroem a “boa maternidade”, a “boa mãe” e o “bom pai” da família heteronormativa, mas sem nunca levar em conta o “choque do retorno” da escravidão e do colonialismo (Vérges, 2020, p.43)”, isso porque não foi dado voz às essas mulheres, a dominação colonial e a opressão étnica racial ainda ecoam em nossa sociedade e reflete acerca da maternidade e juventude, visto que

90% das mulheres que se tornaram mães solo entre 2012 e 2022 são negras. Quase 15% dos lares brasileiros são chefiados por mães solo. A proporção é maior nas regiões Norte e Nordeste. A maioria, 72,4%, vive só com os filhos e não conta com uma rede de apoio próxima.³

A exploração e violência cometida às mulheres negras durante o período de escravidão ainda reflete nas problemáticas atuais, um exemplo disso é a hipersexualização dessas mulheres e, também dos homens. Entretanto, essa hipersexualização não se limita apenas as mulheres, mas às crianças, esse fator acaba sendo uma problemática maior para mais violência contra seus corpos e, que pode resultar ou não em uma maternidade precoce.

Dessa forma, a maternidade deve ser compreendida de uma forma mais complexa por conta da sua dimensão patriarcal e estruturas racistas (Almeida, 2022) que acabam influenciando na forma de “ser mãe” na contemporaneidade, isso tem ligação com as mães não-brancas.

1.3 Viver a monoparentalidade dentro da maternidade

Do mesmo modo que a maternidade e a juventude podem surgir ou não um efeito sobre a outra, o fato de assumir uma monoparentalidade também contribui para a realidade dessa maternidade observada, no caso a realidade da minha interlocutora que vive uma maternidade solo e monoparental. Posto isso será problematizado ainda a questão de gênero e aborto, embora o aborto não tenha sido vivenciado na maternidade da minha interlocutora, farei uma reflexão sobre a criminalização do aborto e a flexibilização da responsabilidade em relação ao bebê, visto que alguns podem escolher não fazer parte da vida da criança.

A década de 1960 foi a década da revolução sexual, da minissaia, do amor livre e do sonho de uma vida feliz e prazerosa (Alves, 2018). A revolução trouxe uma possibilidade de escolher e poder se prevenir de uma gravidez indesejada, com o surgimento das pílulas anticoncepcionais, principalmente pela questão de o aborto ainda ser crime no Brasil desde 1940, conforme arts. 124 a 126 do código penal brasileiro. Boltanski (2012), descreve o aborto a partir de determinadas propriedades sendo “uma segunda propriedade do aborto é ser,

³ Disponível em: Brasil tem mais de 11 milhões de mães que criam os filhos sozinhas | Bom Dia Brasil | G1.

geralmente, objeto de *reprovação*. É muito raro que o aborto seja *a priori* aceito, inclusive nas sociedades em que sua prática é frequente”.

Atualmente muito se fala sobre a ideia imposta de ser algo “vergonhoso” ou ainda visto como “pecado”, contrário a vontade de Deus, segundo algumas interpretações da Bíblia, porém, é importante levar em consideração as circunstâncias, pois a saúde física e mental de quem está gestando pode ser afetada nesses casos, por exemplo, quanto o feto é fruto de um abuso ou violência sexual, a mulher não possui total direito sobre o seu corpo ainda que nesse caso, sofre uma segunda violência, em não poder abortar.

Embora o aborto seja criminalizado por lei, é flexibilizada a responsabilidade em relação ao bebê, alguns homens podem escolher não fazer parte da vida da criança, conseqüentemente não ser um pai presente e apenas contribuir com pensão alimentícia - em alguns casos nem isso-, onde o abandono da criança prevalece. Uma pesquisa publicada pelo Correio do Estado, aponta que cerca de 3 mil crianças nasceram sem o registro do pai

O abandono de paternidade em Mato Grosso do Sul cresceu nos últimos anos com o recente aumento de recém-nascidos sem registro do nome do pai em sua certidão de nascimento. (...) Entre 2016 e 2023, o número de nascimentos caiu 13,6% no Mato Grosso do Sul, enquanto a quantidade de crianças sem o nome do pai no registro cresceu 11,3% (MARINHO, Correio do Estado, 2024).⁴

Os números revelam um alto índice de abandono daqueles que deveriam cumprir o papel de pai, mas decidiram deixar a função ao encargo da parceira, e o pior, culturalmente nada ou pouco acontece com esses pais, poucas vezes serão julgados na mesma proporção que as mulheres que decidem abortar, por exemplo, esse é um dos cenários possíveis em que nasce uma mãe solo. Entretanto, diferentemente do termo mãe solteira - ainda mais pejorativo para a mulher, que mesmo não tendo abandonado sua criança, como fez o pai, ainda assim carregava a “mancha” de ser mãe fora de um relacionamento conjugal -, as mães solo vem adquirindo maior respeito na nossa cultura:

O uso da expressão “mãe solo” passa, ao longo dos anos, a centrar-se cada vez mais fortemente numa problematização

⁴ MARINHO, Judson. Cerca de 3 mil crianças nasceram sem o registro do nome do pai em Mato Grosso do Sul. **Correio do Estado**, 11 de agosto 2024. Acesso em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/cartoriz-contabilizam-cerca-de-3-mil-criancas-sem-registro-do-nome-do/434578/>.

sobre as relações parentais de um modo mais amplo, confrontando a noção hegemônica de família (Batista e Finamori, 2022, p.15).

O debate acerca do termo está a partir da problematização da idealização de um cenário familiar, posto como “família tradicional” que seria composta por um homem e uma mulher, sendo respectivamente, o chefe da casa e a cuidadora do lar. A mãe solo, então, passa a ser vista como uma mãe que assume a monoparentalidade, visto que ela não teria a presença do outro cuidador.

O bem estabelecido termo acadêmico monoparentalidade estaria longe de dar conta do fato de que a experiência monoparental é sobretudo feminina e socialmente marcada por enormes desigualdades de gênero (Batista e Finamori, 2022, p.3).

Não será ignorado que embora a maternidade solo seja predominante nas mulheres, há homens que carregam a realidade do “pai solo”. Por exemplo, dados noticiados pela Jovem Pam⁵ em 2022, traz um aumento de 4% entre 2005 e 2015 para pais que criam seus filhos sozinhos. Um número muito inferior comparado a realidade da “mãe solo”. Algo recorrente nas reflexões sobre a diferença entre os gêneros na criação da criança é a função do cuidar na maternidade, quando um pai cuida da criança pode ser julgado por estar exercendo uma “função materna”, ou aplaudido por fazer o mínimo, justamente pela violência de gênero que ocorre com a mulher visto que a sociedade possui ainda uma cultura machista, derivada do patriarcado que acredita que somente a mulher pode realizar funções de cuidados.

Voltando à problemática que as mães solas, em sua maioria, são mulheres negras e na maioria das vezes sem apoio (Silva, 2017) discorre que é a partir da ocorrência da gravidez, seja ela desejada ou não, que essas mulheres precisam mudar seus projetos de vida, levando a evasão escolar, consequentemente aumentando ciclos de pobreza e desigualdade.

A falta de uma rede de apoio para quem vive a monoparentalidade afeta na qualidade de vida dessas mulheres e dessas crianças, pois, se não há rede de apoio próxima e se elas precisam lidar sozinhas com as responsabilidades

⁵ Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/cresce-o-numero-de-pais-solo-no-brasil-e-especialista-diz-que-desafios-sao-grandes.html>.

parentais, pode haver mais dificuldade em encontrar um emprego ou fazer uma faculdade, conforme acima explicitado. Também não desconsideramos a existência de sobrecarga das mulheres em lares estruturados com famílias padrão visto que “mães solo são mulheres que exercem os cuidados dos filhos de maneira solitária, e muitas vezes, mesmo estando em uma relacionamento conjugal, também exercem a maternidade de maneira solo (Severino, 2022, p.7).”

Em suma, a monoparentalidade retrata situações de vulnerabilidade social, desigualdade de gênero e etnicorracial.

2. UM POUCO DE CAMILLA

2.1 Perfil da interlocutora segundo o meu envolvimento e percepção

Camilla atualmente tem 22 anos, se considera parda, possui cabelos cacheados, pretos, tem cerca de 1,55 cm de altura, tinha um sonho de fazer faculdade de educação física e queria ser dançarina, sempre foi muito animada, cheia de vida e alegria, sempre rodeada de amigas, justamente por ser uma pessoa muito comunicável e não ter dificuldade de se relacionar com ninguém.

Figura 1: Camilla aos 19 anos. (Fonte: Acervo pessoal, 2022)



Camilla saiu da casa dos nossos pais aos 17 anos. Foi uma decisão tomada em conjunto, entre eu (Beatriz, irmã mais velha de Camilla, 24 anos), Carol (irmã mais nova, 21 anos) e Camilla. Embora tenhamos divergências como qualquer outra família, sempre fomos muito unidas. Nossos pais se separaram em 2014, após o término fomos morar com a nossa mãe e em 2020 decidimos sair da casa dela, isso porque nossa relação chegou a um extremo que era melhor estar separado, o que de fato melhorou a relação, embora tivéssemos que lidar com algumas questões mais cedo do que o esperado.

Em 2022 Camilla começou a fazer faculdade, na Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran), localizado em Campo Grande – MS, de Educação Física. Trabalhava na parte da manhã/tarde e estudava a noite, no mesmo ano ocorreu a gravidez, continuou um período na faculdade mas logo foi necessário interromper a faculdade por conta das atividades e o tamanho da barriga. A gravidez não foi planejada, Camilla marcou um encontro com um rapaz, um pouco mais velho que ela, que morava no mesmo condomínio que nós, saíram uma única vez e acabou acontecendo.

Quando Camilla me contou sobre a gravidez, nós já suspeitávamos, mas ela foi fazer um exame para ter certeza, foi em uma chamada de vídeo pelo *WhatsApp*, comendo uma pipoca com a sua amiga Rafaela e o exame de sangue na mão, com o resultado positivo. Ela me aparentava tranquila, por sermos extremamente próximas não houve uma preocupação em como me contar sobre isso, ela não esperava um julgamento de mim, como também não houve, não havia medo algum. Era uma conversa entre irmãs que eram e ainda são amigas.

Lembro que minha primeira pergunta foi “É sério? Você tá feliz?” e ela me disse rindo “não sei o que pensar, estou rindo de nervoso”. Como ainda morávamos juntas, fiquei aguardando-a chegar em casa para que pudéssemos conversar melhor sobre o assunto e decidir como contar aos nossos pais. Quando contamos ao nosso pai, ele teve duas reações imediatas: primeiro ele riu e disse para parar de brincadeira, em seguida levou a sério, talvez estivéssemos com cara de desespero, e ele disse “agora já foi, filho é coisa séria, vai precisar assumir a responsabilidade e cuidar”.

Por outro lado, a reação da minha mãe foi um pouco mais explosiva, porque pra ela a maternidade para a mulher e para o homem são diferentes (nesse ponto não discordo), as palavras que usou foi “você acabou com a sua vida, a dele não, a dele vai continuar, mas a sua já era”, “não vou te ajudar com isso, você fez, você cria”, “e o pai?”. Hoje eu compreendo o que ela quis dizer, mas naquele momento foram palavras que talvez pudessem ser ditas de outra maneira. Embora tenha dito quando descobriu a gravidez que não ajudaria em nada, não demorou muito para se render e ajudar.

O meu primeiro sentimento foi de emoção, depois vieram as preocupações, sobretudo financeira, do apoio que eu poderia dar. Aconteceram muitas coisas de

lá pra cá, por isso surgiu o desejo de tentar entender melhor e interpretar esse universo da maternidade e da juventude, como ambas estariam entrelaçadas e como uma poderia influenciar a outra.

Figura 2: Camilla durante a gestação, 28-31 semanas. (Fonte: Acervo pessoal, 2022)



Quando Pietra nasceu revezamos quem acompanharia a Camilla na maternidade: no parto foi meu pai, depois nossa irmã Carol, depois eu, por último minha mãe, quando a Camilla recebeu alta. Fiquei durante a noite, algo que marcou minha entrada nesse universo: Pietra chorava muito, durante o tempo que fiquei na maternidade, ela não queria dormir, deduzimos que era fome, pois mesmo que tivesse uma pega correta, ainda não havia descido o leite. As enfermeiras - grossas e insensíveis - não explicavam nada nem apoiavam minha irmã e eu. Todas nós chorávamos: Camilla, Pietra, eu. Nosso desespero foi grande.

Quando Camilla recebeu alta, a luta para amamentar no peito continuou, depois de muita insistência e choro, ela decidiu aderir à mamadeira e à fórmula. Minha mãe contou que nas três gestações dela também foi assim: não pegamos peito e ela nos deu mamadeira. Ainda assim, havia um sentimento de culpa em Camilla por não conseguir amamentar, eu interpreto que essa culpa tenha surgido justamente pela cultura a qual estamos inseridos, visto que a ideia de amamentar está diretamente ligada ao elo da mãe com o bebê, dos nutrientes e anticorpos que o leite materno possui, diferente da fórmula, entre outros fatores. Alguns discursos relacionam amamentação e vínculo afetivo com a mãe, essa ideia pode gerar insegurança e depressão na mãe do bebê; porém, penso que o amor não se resume a isso.

Em uma conversa que tive no *Instagram* com Camilla, em 30 de setembro de 2024, falamos sobre a amamentação, como parte da minha pesquisa de campo, o intuito era tentar compreender um pouco do que isso gerou nela:

Quando eu estava grávida, eu desejava muito amamentar, eu sempre ouvi falar muito da conexão com o bebê através da amamentação e eu sempre quis sentir essa conexão, justamente porque quando ela nasceu foi muito difícil sentir isso né, então eu coloquei muita expectativa, mas quando eu tive ela, no hospital mesmo, eles não me informaram sobre o banco de leite e eu acabei amamentando da forma que eu achava que seria o certo, mas não foi. Lá mesmo ela teve a pega errada, passou uma madrugada toda com fome, e só então eu descobri que existia o banco de leite, ela teve a pega correta e mamou 1 ou 2 meses no meu peito. Dai em diante ela já teve a confusão de bico e foi difícil continuar e foi muito difícil pra mim não amamentar, porque eu achava que essa era a única forma de conexão, eu me cobrava muito por não ter leite porque conforme ela foi mamando mais a mamadeira, mais minha produção de leite diminuía. Por oferecer a mamadeira a culpa foi gigantesca, ainda mais por ouvir de familiares que eu não queria amamentar, que eu não estava me esforçando e eu até pensei em ter uma consultora de amamentação, mas já era outra realidade pra mim também por conta de dinheiro, da minha renda (Camilla Barbosa, Instagram, 30/09/2024).

Nesse sentido a falha na questão de amamentação vem direto da falta de apoio real do Estado, embora Camilla tenha realizado o parto em um grande hospital de Campo Grande, foi como se ali não tivesse nenhum preparo humanizado para conduzir melhor esse momento. Segundo Frota e Marcopito (2003), a questão da amamentação não influencia somente as mães

jovens/adolescentes, mas as mães adultas também. Por exemplo, mesmo minha mãe, que foi mãe três vezes, também não conseguiu amamentar e como apoio à Camilla, disse que era normal não ter leite porque ela também não teve e minha tia (irmã de minha mãe) também não, normalizando a questão da falta do leite, como se fosse algum legado de família, talvez por ter sido mal instruída na época também.

Por outro lado, a questão do amor materno associado a amamentação é um mito imposto a mulher; eu penso nesse amor como qualquer outro, ele é então criado, ele se instala conforme o tempo. Discutirei mais essa questão no próximo capítulo.

Figura 3: Camilla amamentando a Pietra, na maternidade, 2º dia de nascida. (Fonte: Acervo pessoal, 15/11/2022)



Figura 4: Camilla amamentando Pietra (2 meses e 1 dia). (Fonte: Acervo pessoal, 15/01/2023)



Figura 5: Comemoração de 1 mês da Pietra. (Fonte: Acervo pessoal, 14/12/2022)



**Figura 6: Camilla e Pietra no dia das mães, 1 ano e 5 meses de Pietra.
(Fonte: Acervo pessoal, 12/05/2024)**



Realizei trabalho de campo com a minha irmã nos meses de Maio, Agosto e Setembro de 2024, em almoços e visitas. Inicialmente, ela morava pagando aluguel, porém, mais próxima da minha casa. Depois, mais longe, contudo, sem pagar aluguel, porque foi morar numa casa que nosso avô deixou para a nossa mãe. Isso impactou não somente a pesquisa, mas também a rede de apoio de Camilla. Enquanto ela morava a 2km da minha casa, era mais fácil ajudá-la no que precisasse. Agora, morando a 13km de distância, tudo ficou mais complicado.

Nessas visitas de campo, me engajei no papel de tia também, por isso, não há como afirmar qualquer distanciamento da pesquisadora em relação ao tema ou à interlocutora: fui e sigo sendo afetada (Favret-Saada, 2005) constantemente pelo meu campo. Eu distraía Pietra enquanto Camila cozinhava, ou cozinhava enquanto Camila fazia Pietra dormir, ou fazia Pietra dormir enquanto Camila arrumava a casa, eu almoçava com a Pietra para que a Camilla pudesse conseguir almoçar também, ou simplesmente dava atenção à Pietra, para que Camilla pudesse ter um momento

para ela, como por exemplo, para que pudesse tomar um banho sem preocupações e fazer algo simples como lavar os cabelos com calma, ou pintar as unhas, coisas que morando sozinha Camilla não tinha, já que uma criança demanda total atenção.

Além dos campos realizados, em que a observação participante foi a principal ferramenta metodológica, optei por fazer uma entrevista estruturada com Camilla, para que ela pudesse me contar coisas sobre maternidade e juventude sabendo que aquilo que contaria iria para a pesquisa, durante a entrevista eu capto interpretações dela que compreendo como mais soltas ou sem tanta reflexão sobre o tema.

2.2 Conversa acerca da maternidade: Interseccionando o ponto de vista da interlocutora com a antropologia interpretativa

Como pesquisadora desse tema maternidade e juventude, foi combinado com a interlocutora que seria realizado uma entrevista estruturada acerca das questões de como foi a experiência de viver a maternidade na juventude. A entrevista foi gravada em Campo Grande/MS, em 23/09/2024, durante a manhã, nesse momento, minha sobrinha, Pietra estava na creche e estávamos sozinhas conversando sobre o tema, no sofá da sala. A entrevista durou cerca de 10 minutos.

Antes de realizar a gravação foi explicado a interlocutora os temas que seriam abordados, entretanto, a ideia inicial era realizar uma pesquisa semi-estruturada, mas acabou que não me antecipei em enviar as perguntas para a interlocutora com antecedência, talvez isso possa ter afetado a entrevista. Além disso, a interpretação dessa entrevista parte do meu ponto de vista, como observadora participante e alguém familiar, tendo em vista também nossa relação entre irmãs, isto é, levando em conta a aceitação do que explica Favret-Saada, sobre ser afetada na pesquisa (Favret-Saada, 2005).

Serão colocadas as respostas de algumas perguntas, para expor o processo, serão intercalados trechos da entrevista com interpretações minhas acerca do assunto e utilizando da antropologia interpretativa (Geertz, 2008).

De antemão, deixo um alerta que Camilla utiliza de vícios de linguagens como “né?”, “sabe?”, e algumas vezes não termina as frases, por termos uma relação próxima e por eu ter vivenciado alguns momentos com ela, ficando subtendido que sei do que está falando. Assim, eu acabei sendo guiada pela familiaridade com a pessoa e o assunto, me rendendo a afetação.

Beatriz (B):

Camila, como você lidou com a maternidade no momento em que ela aconteceu, na sua juventude?

Camilla (C):

Bom, por ser mãe jovem, eu acho que a gente fica meio perdido, né? A gente, quando você tá grávida, quando você tá ali gerando o bebê, sentindo o bebê, você meio que... Fica naquela sensação boa, naquele sentimento de conhecer o bebê, de eu vou amar muito. Você fica idealizando como é a criança, como vai ser sua vida após a criança nascer. Mas acho que no momento que ela nasce, para as mães jovens e ainda mais as mães solas, que é o meu caso, é mais difícil. Porque na hora que o bebê nasce, você fica com aquele sentimento de tipo, e agora? O que vai acontecer agora? Então foi como eu me senti no momento. Eu não lidei, eu acho que a gente vai lidando ainda. Pietra vai fazer dois anos de idade e eu ainda lido um dia de cada vez. Mas naquele momento em que ela nasceu foi realmente bem difícil, porque eu não tive aquele, ai meu Deus, que amor, que tô realizada, sabe? Tipo, é tudo pra mim. Não, eu fiquei bem perdida, eu fiquei tipo, e agora, o que eu faço? E ainda que tenha aquele sentimento de, e se eu não amar, sabe? E se eu não conseguir sentir aquele amor que toda mãe fala que vai sentir pela criança?

Nesse sentido a expressão do “não lidar”, pode ser interpretada como remetente ao processo da maternidade, que não acaba, esta sempre em contínuo desenvolvimento, independentemente da faixa etária da mãe ou da criança, isso porque são vidas que estarão sempre em processo de aprendizado e de crescimento.

Enquanto a questão do amor, foi a partir dos anos 1770 que foi imposta à mulher a obrigação de ser mãe e inaugurou-se o mito do amor materno, natural e espontâneo, que toda mãe teria pelo filho (Damaceno, Marciano e Menezes, 2021). Essa ideia de que automaticamente haveria um amor incondicional, da mãe pelo filho, foi implantada para que a mulher se sentisse realizada com a gravidez; entretanto, ela não pode ser vista como uma regra universal, embora culturalmente consolidada. “Esse amor materno tão discutido ao longo dos séculos como inato é entendido atualmente como uma construção, assim como qualquer outro amor (Damaceno, Marciano e Menezes, 2021, p.9)”. Por isso, concordamos com a importância de normalizar a ideia de que está tudo bem se você não sentir nada pelo seu bebê no início, pois os laços afetivos ainda estão sendo criados. Essa cobrança de amor maternal ocorre até mesmo com mulheres que decidem não ter filhos, em frases como “ah, então você nunca vai conhecer o verdadeiro amor incondicional” ou “sua vida só vai fazer sentido depois que se tornar mãe”, ou ainda, “quando você for mãe, você entende”... como se todas as maternidades fossem

iguais ou como se ser mulher e não se tornar mãe diminuísse sua experiência de vida, ou tornasse ela incompleta. Essa cultura do amor materno pode ser responsável por grande medo e/ou desespero das mulheres que ainda estão descobrindo a maternidade, podendo interferir ou não no maternar:

[...] uma criança conta pelos dedos antes de contar "na sua cabeça"; ela sente o amor na sua pele antes de senti-lo "no seu coração". Não apenas as ideias, mas as próprias emoções são, no homem, artefatos culturais (...) Para tomar nossas decisões, precisamos saber como nos sentimos a respeito das coisas; para saber como nos sentimos a respeito das coisas precisamos de imagens públicas de sentimentos que apenas o ritual, o mito e a arte podem fornecer (Geertz, 2008, p.62-63).

Assumindo assim que as emoções são artefatos culturais, podendo ser interpretadas como um conjunto de símbolos e ações que vão ser contribuídos ao longo de nossa existência, compreendemos a fala de Camilla como algo que ainda não é aceito pela sociedade, e que ela mesma sente dificuldades em entender o contexto de seu posicionamento, a partir desse lócus cultural.

B:

Ser mãe jovem, você sente que isso impactou como na sua maternidade e na sua juventude?

C:

Bom, na minha juventude eu sinto que eu não perdi muita coisa, sabe? Eu saí da casa da minha mãe muito cedo, né? Eu não tinha nem meus 18 anos, então pra mim, quando eu saí, assim, até quando eu estava na casa dela, eu aproveitei tudo que eu tinha pra aproveitar, eu saí, eu me divertia, eu... Trabalhei em vários lugares, então eu acho que eu não perdi essa parte da juventude. Do curtir, do sair, do ver gente, né? Mas eu sinto que eu perdi a parte da vida adulta. Acho que a vida adulta que era pra ter começado aos 20, perdeu, sabe? Por enquanto, assim, porque ela deu uma parada. Então, é uma faculdade que eu não fiz, que eu não consegui nem começar. Pra formar, pra ser alguém antes de ter um filho. E a parte da maternidade jovem é difícil mesmo. Eu acho que, como eu me sinto, no começo eu me senti muito invalidada. Eu fui muito invalidada pelos meus pais, pelos meus parentes, mas hoje em dia eu sinto que não. Hoje em dia eu sinto que as pessoas realmente respeitam, sabe? Tipo, vê que realmente eu dou a vida por aquilo e que não é uma criança cuidando de outra criança.

O impacto da maternidade na juventude, nesse caso, aparenta estar mais relacionado ao fato de a interlocutora ainda não possuir estabilidade financeira e o preconceito sofrido por ser uma mãe jovem, o julgamento por não levarem a sério a maternidade dela e fazer com que ela se sentisse invalidada diante dessa situação como se o jovem não fosse alguém responsável. Sendo assim, Camila foi invalidada por ser mãe jovem por seus pais e parentes, no começo.

Entretanto, a ideia da maternidade afetar a juventude, no que faz parte da perspectiva da interlocutora parece estar relacionada aos momentos de “curtir” a vida, por ter saído de casa aos 17 anos, teve mais liberdade para poder sair com mais frequência e se divertir e ao mesmo tempo foi necessário desenvolver algumas responsabilidades por morar sem os pais. Embora essa seja uma das minhas perguntas centrais de pesquisa, nessa resposta não ficou claro o que seria a juventude para Camilla. Nesse sentido, me encontro familiarizada com a afetação (Favret-Saada, 2005), como deixei-me afetar, com a nossa comunicação involuntária, pela forma de nos entendemos... nesse momento, compreendo: “no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que a narramos não podemos compreendê-la” (Favret-Saada, 2005, p.160).

Por outro lado, não posso deixar de realizar uma reflexão acerca do ser jovem e ser adulto. Ambas as categorias parecem ser já pré-definidas por uma faixa etária, por exemplo, segundo o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013) são consideradas pessoas jovens, aquelas entre 15 e 29 anos. Entretanto, ao pesquisar sobre o ser adulto, a partir de que momento essa fase apareceria, não ficou claro para mim quando esse momento acontece, pois há percepções distintas sobre esse assunto, porém, Camilla estaria dentro da faixa etária de jovens, segundo o Estatuto.

Para Camilla, a maternidade não afetou sua juventude, mas deixou uma sensação de “Acho que a vida adulta que era pra ter começado aos 20, perdeu...”, isso porque precisou abrir mão de realizar alguns sonhos... Passamos pela fase da primeira infância, adolescência, juventude, adulto e idoso e normalmente, são fases definidas a partir de faixa etária, é definido pela transição de um momento para o outro. Essa transição de um momento para o outro, geralmente pode ser marcada por uma questão cultural que pode influenciar o desenvolvimento do ser em questão.

A ideia da fase adulta começar aos 20 anos, para Camilla, parece estar ligada a uma parte da cultura imposta ao ser adulto, talvez, uma boa questão para se pensar também é a ideia da maioridade ser aos 18 anos...

B:

Você acha que a raça/etnia, gênero e classe social influenciam na sua maternidade, no modo como ela se desenvolveu?

C:

Sim, eu acho que sim, eu acho que influencia até hoje. Como eu falei, eu sou considerada de classe média, então, para mim, ainda é muito difícil a parte de sustentar uma criança quando você não tem essa estabilidade financeira. Sabe, em questão de raça, assim, não senti ainda. Ela tem dois anos e até hoje... Eu sei que provavelmente tem sim um envolvimento também, mas por enquanto ainda não senti, mas a questão financeira sim. Tanto que é só eu e ela, então as coisas são difíceis, ela entrou na creche agora, então é agora que eu tô conseguindo construir uma coisa, sabe? Pra deixar ela na creche, pra conseguir trabalhar, pra conseguir sustentar, entendeu?

Para a interlocutora, ela é considerada de classe média, talvez por ter o privilégio de poder ainda contar com a ajuda dos pais, principalmente no começo, por conta de ter perdido seu trabalho antes mesmo da Pietra nascer, entretanto, levando em conta que ela no momento ganha menos que um salário mínimo, ela estaria enquadrada como classe baixa, popular. Camilla começou a trabalhar recentemente, após conseguir uma vaga para Pietra na creche, essa parte ela não explicitou no texto, talvez por eu ser próxima a ela e já saber disso.

Camilla ficou de julho de 2023 até setembro de 2024 sem trabalhar, durante esse tempo, ela fez alguns “bicos”, por exemplo, trabalhou 2 semanas em uma padaria como *free lancer*, e de faxineira em alguns eventos que teve no começo do ano, quando não havia como trabalhar, pôde contar com o apoio da família, mas fica evidente que isso impactou muito a maternidade, visto que durante a entrevista, para Camilla, o principal empecilho da gravidez foi a falta de estabilidade financeira.

Sendo assim, a classe social tem sido o que mais influenciou a maternidade de Camilla, no momento. Um bom fator a se pensar também é o fato de que Camilla não pôde/conseguiu amamentar Pietra, então, houve um gasto considerável em fórmulas até quando completou 1 ano, que foi quando começou a introduzir o leite de vaca, além de outros fatores essenciais que demandam dinheiro, tal como locomoção para pediatra, fraldas, roupas, etc...

B:

Como você entende que a sua família, o pai da neném e a sua filha interpretam a sua maternidade em relação a ser mãe jovem?

C:

Eu acho que é igual como eu falei na outra pergunta, eu me sentia muito invalidada no começo. Com parentes, amigos e família, assim, tipo pai, mãe... avós da criança, né? No começo eu sentia muito invalidada. Hoje em dia eu sinto que eu tenho mais voz. Por mais que eu tenha certeza que ainda tem aquele sentimento de Ah, ela é muito jovem. Eu sei mais coisas por ser mais velha. A gente tem esse pensamento, né? Pra gente estar... Por as pessoas estarem a mais (tempo), né? No mundo, na vivência. Mas eu acho que hoje em dia tem um pouco mais de respeito. Porque eu acho que... Por eu estar crescendo, eles vêem que eu tenho um pouco mais de voz. Tudo bem que eu acho, na verdade, que eu sempre tive essa responsabilidade desde o momento que ela nasceu, porque sempre foi eu. Mas eu sinto que hoje em dia eles me dão mais essa voz, né? E em questão do pai, da criança, eu sinto que pra ele não faz diferença, porque ele não viveu essa maternidade, né? Foi só eu. Ele não vive nem a parte da paternidade, então ele não tem muita... não tem muito... Como é que se fala? Visão? É, muita visão, muita... Não sabe o que tá acontecendo, entendeu?

Aqui Camilla explicita a realidade da mãe solo, a experiência da monoparentalidade, em que a criança está tomando todo o seu tempo, juntamente com a ideia de ser mãe jovem, com o preconceito que recebeu de seus pais, por não a respeitarem como mãe. Justamente por ser mãe jovem, ou talvez, por eles ainda a enxergarem como uma criança, como filha.

Além de viver a maternidade na juventude também é responsável totalmente pela criação da criança, uma vez que o genitor não assumiu a paternidade e nem se importa em ser presente. O que também pode ser pensando como uma razão para que alguns familiares não levassem a sério a maternidade no começo, culturalmente uma família “tradicional” tem mais chances de ser aceita do que uma mãe solo vivenciando maternidade na juventude.

A ideia de “ah, ela é muito jovem” se torna então um símbolo de preconceito enraizado em nossa cultura que coloca os jovens como rebeldes e delinquentes que não possuem responsabilidade para lidar com “o mundo adulto”, visto que esse mundo adulto pode ser caracterizado como um momento em que (Polak, et. al, 1999, p.42):

“[...] é ter competência para decidir sobre a sua vida e a vida do outro; é ter trabalho, é produzir e contribuir com o social com consciência plena das possibilidades e das suas limitações; é ter liberdade de escolha, de ação, e responder por essas escolhas; é viver e agir com o outro num processo de troca, enfim, é ser independente financeira e psicologicamente.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da entrevista com a interlocutora, foi possível interpretar quais foram os desafios que ainda estão sendo enfrentados por ela ser uma mãe jovem, sobressaindo a questão da instabilidade financeira, visto que a realidade de buscar empregos e manter os estudos quando se tem pouco tempo, pela criança demandar total atenção, é muito difícil. Diante da problemática exposta, o intuito desse trabalho foi pensar a maternidade e a juventude, se ambas possuem um efeito uma sobre a outra. Sendo assim, esse breve trabalho provocou reflexões acerca do ser jovem e se tornar adulto, na percepção da interlocutora, como também o ser mãe em um momento não planejado, demonstrando que sim, a maternidade na juventude é algo a ser destacado como peculiar em nossa cultura e sociedade.

Do ponto de vista da vivência da interlocutora a gravidez não foi “impedimento” de viver sua juventude, visto que considera que pôde viver bastante essa fase antes da gravidez, por isso, a maternidade não influenciou na sua juventude. Entretanto, viver a maternidade na juventude - pois a sociedade a trata como jovem, devido à sua faixa etária - influenciou no modo que as pessoas receberam e interpretaram essa maternidade, muitas vezes a invalidando. Logo, a maternidade não impediu sua juventude, mas a juventude caracterizou sua maternidade por um tempo.

A maternidade e a juventude foram pensadas a partir da perspectiva antropológica interpretativa e descrição densa (Geertz, 2008), de como é lidar com a maternidade na juventude e como é lidar com a juventude quando uma mulher jovem se torna mãe. Visto que ambas as categorias, maternidade e juventude, possuem contextos históricos e culturais que estão permeados em nossa sociedade.

Foi possível interpretar questões de preconceitos sofridos pela interlocutora, por ela ser considerada jovem, interpretar também um pouco das questões do amor materno e como isso vem sendo moldado conforme o passar do tempo em nossa cultura e como ele chegou nessa ideia de mito.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rodrigo Simas. **Antropologia Sociocultural**. Editora UFGD, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/3075/1/antropologia-sociocultural.pdf>. Acesso em 19 mai. 2024.

ALMEIDA, Miléia Santos. Em Tese, Florianópolis, v. 19, n. 01, p. 87107, jan./jun., 2022. **MATERNIDADES SUBALTERNAS: SER OU NÃO SER MÃE NAS EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS E DO FEMINISMO NEGRO**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/83130/48563>. Acesso em 23 nov. 2024.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **O nascimento da pílula anticoncepcional e a revolução sexual e reprodutiva**. 2018. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2018/11/26/o-nascimento-da-pilula-anticoncepcional-e-a-revolucao-sexual-e-reprodutiva-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em 17 out. 2023.

BELLO, Luiz e BRITTO, Vinícius. Uma em cada quatro mulheres de 15 a 29 anos não estudava e nem estava ocupada em 2023. **Agência IBGE**. Editoria: Estatísticas Sociais. 22/03/2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39531-uma-em-cada-quatro-mulheres-de-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupada-em-2023>. Acesso em 06 out. 2024.

BITTENCOURT, João Batista de Menezes; PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Juventude e Antropologia: Uma relação controversa**. n. 10 (2021): Antropologia da Juventude. 10/11/2021. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/675345907/ART-Juventude-e-Antropologia-Bittencourt-e-Pereira-2021>. Acesso em 06 out. 2024.

BOLTANSKI, Luc. **As dimensões antropológicas do aborto**. 05 Jul 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/RDqXkbmvKhrGTM9tJnzNp9S/>. Acesso em 24 abr. 2024.

BRANDÃO, Raquel; GAVRAS, Douglas. **Estadão**, 11 de dezembro 2018. No Brasil, mãe recebe até 40% menos. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/no-brasil-mae-recebe-ate-40-menos/>. Acesso em 29 set. 2024.

Brasil tem mais de 11 milhões de mães que criam os filhos sozinhas. **G1**, 12/05/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2023/05/12/brasil-tem-mais-de-11-milhoes-de-maes-que-criam-os-filhos-sozinhas.ghtml>. Acesso em 03 mai. 2024.

Cresce o número de pais solo no Brasil, e especialista diz que 'desafios são grandes'. **Jovem Pan**, 14/08/2022. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/cresce-o-numero-de-pais-solo-no-brasil-e-especialista-diz-que-desafios-sao-grandes.html>. Acesso em: 03/05/2024.

DAMACENO, Nara Siqueira; MARCIANO, Rafaela Paula; MENEZES, Nayara Ruben Calaça Di. **As Representações Sociais da Maternidade e o Mito do Amor Materno**. Perspectivas em Psicologia, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 199-224, jan/jun. 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/56484/33186>. Acesso em 06 out. 2024.

EQUIPE, Toro Investimento. Pirâmide Salarial: qual a média salarial e quem é considerado rico no Brasil?. **Toro Investimento**, 10 de junho de 2024. Disponível em: <https://blog.toroinvestimentos.com.br/alta-renda/piramide-salarial-brasil/>. Acesso em 29 set. 2024.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade, 2005.

FEITOSA, Liana. Políticas a mães e gestantes são estratégia para combater evasão no ensino superior em MS. **Mídia Max**, 11 de maio 2024. Disponível em: <https://midiamax.uol.com.br/cotidiano/2024/politicas-a-maes-e-gestantes-sao-estrategia-para-combater-evacao-no-ensino-superior-em-ms>. Acesso em 06 out. 2024.

FINAMORI, Sabrina; BATISTA, Maria Alice Magalhães. **Categorias Empíricas e Analíticas: Mães-Solo e Monoparentalidade Feminina**. Revista UEL, 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/46283/48184>. Acesso em: 03 mai. 2024.

FROTA, Denise Ataíde Linhares. MARCOPITO, Luiz Francisco. **Amamentação entre mães adolescentes e não-adolescentes, Montes Claros, MG**. Rev. Saúde Pública. Fev 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/48kk8cw87rdkzH4q6yvpSDf/#>. Acesso em 20 nov. 2024.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2008.

GOMES, Maira da Silva; PORT, Ilvo Fernando; CERVEIRA, Luis Alexandre. **IDEAIS CULTURAIS ACERCA DA MATERNIDADE E SEUS POSSÍVEIS IMPACTOS SUBJETIVOS NA MULHER**. 2022. Disponível em: <https://fronteirasempsicologia.emnuvens.com.br/fp/article/view/128>. Acesso em 06 out. 2024.

MACHADO, Lia Zanotta. **Interfaces e deslocamentos: feminismos, direitos, sexualidades e antropologia**. Jan-Jun, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/4SHSgFyjrxkyYRLppmjLBZC/#>. Acesso em 01 mai. 2024.

MARINHO, Judson. Cerca de 3 mil crianças nasceram sem o registro do nome do pai em Mato Grosso do Sul. **Correio do Estado**, 11 de agosto 2024. Acesso em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/cartorios-contabilizam-cerca-de-3-mil-criancas-sem-registro-do-nome-do/434578/>. Acesso em 29 set. 2024.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. 4ª Edição. Editora Perspectiva. 2000. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7894161/mod_resource/content/1/MEAD%20C%20Margaret.%20Sexo%20e%20Temperamento..pdf. Acesso em 06 out. 2024.

PAIS, José Machado. **A Construção Sociológica da Juventude - alguns contributos**. Jan-1990. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282670420_A_Construcao_Sociologica_da_Juventude_-_alguns_contributos. Acesso em 06 out. 2024.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais**. Julho, 2007. Disponível em: https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/Artigo-Alexandre-Barbosa-Pereira_0.pdf. Acesso em 01 mai. 2024.

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a (categoria) mulher?**. 2001. Disponível em: <https://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>. Acesso em 26 set. 2024.

POLAK, Ymiracy Nascimento de Souza; MAIA, Elis Rejane da; MARTINS, Neide; LISNIEWSKI, Simone Aparecida. **Compreendendo o significado do que é ser adulto**. 1999.

REZENDA, Claudia Barcellos. **Sentidos da maternidade em narrativas de parto no Rio de Janeiro**. 18 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/Wt7s5w3BbZZ8mNvcHGKBMTq/>. Acesso em 06 out. 2024.

SÁEZ, Oscar Calavia. **Esse obscuro objeto da pesquisa. Um manual de método, técnicas e teses em Antropologia**. 1ª edição. P.2-224. Ilha de Santa Catarina, 2013.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. 1999.

SILVA, Juliana Márcia Santos. **MÃES ADOLESCENTES NEGRAS NA UFBA: AS INTERSECÇÕES ENTRE MATERNIDADE, RAÇA, TRABALHO E ENSINO**. Salvador, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/27167/1/TCC%20completo_juliana%20marcia%20santos%20silva.pdf. Acesso em 24 nov. 2024.

VERGÉS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020. <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/03/Um-feminismo-decolonial.pdf>. Acesso em 20 nov. 2024.